

Imutavelmente pressionados pelo excesso de população, êstes legendários animaizinhos estão migrando e morrendo aos milhões êste ano. Terão alguma mensagem para nós?—perguntam os cientistas



A Lição dos Lemingues

Condensado de VIKKOSANOMAT
OLA E EMILY D'AULAIRE

HÁ POUCO tempo, excursionando no silêncio dos bosques de bétulas anãs nas montanhas da Noruega oriental, fomos surpreendidos por um barulho semelhante à estática de um rádio. Partia de um animalzinho peludo mais ou menos do tamanho de um rato-do-campo, agachado sôbre um tapête de líquen das renas. Quando nos aproximamos para olhar mais de perto, a criaturinha avançou contra nós, mostrando os dentes incisivos, longos e amarelados. En-

quanto prosseguíamos, outros daqueles bichinhos agitados surgiram dos líquens para ralar conosco. De repente estavam por tôda parte. Um bichinho estava saltando para cima e para baixo como uma miniatura de rebitador, evidentemente fora de si de raiva. “Lemingues”, explicou o nosso guia. “1970 é ano de limingues.”

O comportamento agressivo dos lemingues surpreendeu-nos mais do que sua quantidade. Todo mundo já ouviu falar das explosões popu-

lacionais periódicas dos lemingues— e de como, pelo menos segundo a lenda, êles se jogam dos rochedos ao mar em suicídios em massa. Cientistas estão estudando o assunto e começando a separar os fatos dos mitos seculares. Ficaram especialmente interessados nos animais em vista da explosão populacional humana. Talvez um conhecimento mais profundo dos lemingues possa ajudar o homem a evitar um desastre biológico semelhante.

Há cinco espécies de lemingues. Duas espécies, inclusive a mais comum, o *Lemmus lemmus*—geralmente chamado o lemingue norueguês—são encontradas na Noruega, Suécia, Finlândia e norte da Rússia. As três outras habitam principalmente a região norte da Groenlândia e da América do Norte. Pertencentes à família dos cricetos, os lemingues medem cêrca de 15 centímetros dos bigodes à ponta da cauda, pesam menos de 100 gramas e têm pêlo listrado castanho e preto. Têm pernas e cauda curtas, e sob seu pêlo lustroso e grosso têm uma camada de gordura que, junto com suas patas peludas, lhes permite suportar os rigorosos invernos do Norte.

Os lemingues aparecem em grandes quantidades de três em três ou de quatro em quatro anos. No início de seu ciclo de população existem apenas uns poucos lemingues à vista; são tímidos, retraídos, que têm medo de outros membros de sua própria espécie. Êles se escondem

em suas tocas, alimentando-se de raízes e bulbos, e raramente aparecem.

Nesse período também seu ritmo de reprodução é lento. Mas no segundo ano do ciclo êle aumenta e no terceiro ou quarto ano torna-se quase tão rápido como uma metralhadora. As fêmeas estão quase que continuamente com cria. Em 25 dias estão aptas para reprodução e, como não hibernam, podem reproduzir-se tanto no inverno como no verão. Com um período de gestação de 21 dias apenas e cinco a oito crias por ninhada, um só casal pode criar 16.000 descendentes até ao fim do quarto ano do ciclo lemingue!

É então, no fim do ciclo, que êsse roedor tímido e retraído se transforma no lemingue agressivo das lendas. A pressão dos números faz milhões de lemingues abandonarem seu habitat superpovoado em uma busca desesperada de espaço vital. E na Noruega os lemingues logo se tornam vítimas da topografia: nessa terra de vales estreitos e acidentados, que terminam em outros vales estreitos e acidentados e que por sua vez terminam em fiordes estreitos, os vales são os únicos caminhos de fuga; como êstes confluem, assim confluem os bandos comprimidos de roedores.

A corrida alucinada continua até que o exército vê seu caminho barrado pela água. Como os lemingues não gostam de nadar, ficam correndo de um lado para outro na mar-

gem à procura de algum meio de atravessar a sêco. No centro da Noruega, em 1966, o último ano dos lemingues, o tráfego ficou paralisado durante quase uma hora quando uma horda tagarela de animais investiu por uma ponta que liga Dovre e Dombaas. Foi preciso um limpa-neve para abrir um claro. Há ocasiões, porém, em que os lemingues não encontram pontes e têm de jogar-se à água. Embora nadem bem, mesmo as menores ondas os fazem virar e por fim todos se cansam e se afogam.

Quando um exército de lemingues chega ao mar, às vezes forma um tapêto de três a cinco quilômetros quadrados. Uma vez, há anos, o comandante de um navio de passageiros do fiorde de Trondheim contou que seu vapor passou através de uma jangada sólida desses animais durante 15 minutos. Os pescadores muitas vezes contam que avistaram bandos de lemingues. Às vezes eles sobem pelas rêdes de pesca, derramam-se pelos barcos e depois, quando surgem mais lemingues, tornam a cair no mar.

Por vezes hordas de lemingues invadem as cidades. O estrago que esses animais podem provocar ficou demonstrado quando Vadsø, um dos postos avançados mais ao norte da Noruega, foi inundada em 1955. Os animaizinhos começaram a se jogar dos morros agrestes como uma avalanche viva. Em breve estavam morrendo nos riachos vizinhos em tais quantidades que poluíram o

abastecimento de água da comunidade. "Lembro-me perfeitamente", diz Anders Aune, membro do Parlamento por Vadsø. "Os lemingues enxameavam pelas estradas. Tôda vez que eu passava de carro não podia deixar de esmagar centenas dêles."

A invasão durava duas semanas e depois desaparecia tão repentinamente como surgira.

Um exército de lemingues em marcha pode criar problemas mesmo longe das habitações humanas. Como os lemingues têm de comer o seu pêso em alimentos uma vez em cada 24 horas, eles devastam as lavouras, devorando tudo o que existe. Quando liquidam a vegetação, atacam as raízes. "Ceifeiras de quatro patas", chamam-lhes os lavradores.

Apesar dos estragos que essas invasões podem provocar, nada se tem conseguido fazer para evitá-los. Embora os zoólogos possam prever com precisão o início de um ano de lemingues, é impossível localizar exatamente onde vão formar-se os exércitos ou saber para onde se dirigirão uma vez formados. Todo o processo é tão nervosamente fortuito como o comportamento do lemingue individual na época da migração—avançar, serpear, parar, cheirar; depois partir outra vez em nova arrancada. Como no caso dos gafanhotos, o único meio de deter a praga é impedir a procriação. Com os lemingues, isso ainda não foi conseguido.

Mas, embora o homem esteja atrasado na descoberta de meios para sufocar as explosões dos lemingues, há uma série impressionante de predadores naturais que cumprem sua tarefa. Quando os lemingues estão correndo, por exemplo, as gaivotas acrescentam-nos ao seu cardápio normal de peixes. As corujas, os gaviões, as águias, as doninhas, os arminhos e as raposas também gostam de lemingues, e parecem sintonizados com o ciclo vital deles. Há naturalistas que viram corujas-da-neve porem mais ovos do que o normal em anos propícios à proliferação de lemingues, como se já esperassem a abundância, e as raposas também costumam aumentar as ninhadas de um filhote ou dois.

Mas, apesar dos animais de rapina e da corrida suicida para os lagos, os rios e o mar, restam ainda grandes multidões de lemingues. Depois, inexplicavelmente, o ciclo se detém repentinamente. As criaturinhas começam a morrer com a mesma rapidez com que se multiplicaram. Por quê? Arne Semb-Johansson, professor de Zoologia, e seus colaboradores da Universidade de Oslo acham que, no fim do ciclo populacional, as glândulas supra-renais dos

lemingues ficam superativas. Essas glândulas inundam o organismo de adrenalina—a substância que nos seres humanos faz o coração bater mais rápido em reação ao medo. Finalmente as glândulas sobrecarregadas dos lemingues entram em colapso e êles morrem. Outros pesquisadores são de opinião que existe uma substância venenosa na corrente sanguínea dos lemingues que só os ataca no fim do ciclo, quando, por motivos ainda desconhecidos, lhes destrói o sistema nervoso central.

Seja qual fôr a causa real do desaparecimento abrupto dos lemingues, os estudiosos são unânimes em um ponto: o agente desencadeador é a superpopulação. Em condições de superpopulação a química do lemingue se descontrola e a espécie se reduz a uns poucos exemplares.

Só recentemente os cientistas começaram a estudar o lemingue, e parece que ainda levarão algum tempo para descobrir alguma coisa que beneficie a espécie humana. Não obstante, é possível que a ira agressiva do *Lemmus lemmus* na luta para sobreviver à superpopulação encontre eco em muita gente —pelo menos entre aqueles que sabem o que é tomar um trem ou um ônibus nas horas de apêrto.



Ajudante de Primeira

DIZ A ESPÔSA: “É, meu marido ajuda muito em casa. Agora mesmo está fazendo a sesta pelo menino.”

—Lee Aikman, em *Constitution* de Atlanta